

LAMARCA: UM NOME PARA SER LEMBRADO

**Terrorista, bandido, herói,
personagem de ficção?**

Quem se lembra de Carlos Lamarca? E como se lembra? Esse nome figura nos manuais escolares no capítulo da História recente do Brasil? Se ele não foi incluído é bom pensar no porquê. Se foi, o que se diz sobre ele? Trata-se de um herói ou de um bandido? Duvide das duas alternativas. Há exagero na primeira e a segunda é falsa.

Quantos de nós não estariam dispostos a sacrificar a própria vida por uma causa que considerássemos justa, que nos fizesse esquecer interesses particulares para lutar por aqueles que não têm voz nem vez na sociedade? E por que não por nós mesmos quando o que está em questão é a liberdade e os direitos fundamentais do homem? Isso seria heroísmo, ou apenas uma questão de dignidade? Ou ambos se incluem?

As boas causas existem sempre. Percebê-las depende da acuidade de nossa visão, de nosso desejo e capacidade para nos assumirmos como responsáveis pela realidade injusta e frequentemente cruel, como a fome, como o aumento da mortalidade infantil e as várias formas de manifestação da violência, com as quais “aprendemos” a conviver no nosso cotidiano, o qual nos “ensina” que ela é culpa dos ou-

tros, são problemas que não criamos e com os quais não temos nada a ver. “Temos que nos proteger, também somos vítimas”.

Mas, o problema da fome também não é do Betinho e ele, para resolvê-la, tenta acordar a sociedade brasileira para a consciência de que, se todos se mobilizarem, ela poderá ser menor e, quem sabe, até acabar se todos participarem da luta. Ele assume, na campanha contra a fome, a posição de líder. Daquele que é capaz de perceber o problema e reunir em torno de si outros cidadãos igualmente preocupados, mas sem a coragem ou as condições necessárias para denunciar o problema e iniciar o movimento.

Essas considerações são necessárias para pensar o homem Carlos Lamarca. Ele deixou o afeto da vida familiar, a segurança do emprego, o prestígio como militar

– Capitão do Exército, exímio atirador – pela incerteza de uma luta contra a ditadura militar implantada no Brasil em 1964 e consolidada em dezembro de 1968, com o Ato Institucional Nº 5. Entre manter a ordem social, que significava, naquele momento, lutar contra o povo – pessoas desarmadas e indefesas, operários e estudantes – ou defender esse mesmo povo dos seus opressores: os militares aos quais estava subordinado e devia obediência, ele preferiu os riscos de aderir à luta arma-

A AUTORA

Maria Lourdes Motter
Doutora em Ciências da Comunicação e Professora de Graduação e Pós-Graduação do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP.
Especialista em Linguagem Verbal nos Meios de Comunicação.

da na tentativa de encontrar o caminho para livrar o país da opressão representada pela violência e pela miséria.

Entender Carlos Lamarca como um insatisfeito com a situação social, disposto a agir para transformá-la, pegar em armas e resistir até à morte à frente de um grupo de idealistas unidos pela mesma convicção, é aceitá-lo como um homem com capacidade de ver para além de si mesmo, de transferir para fora dos muros do quartel o que tão bem aprendeu a fazer: comandar, lutar, atirar contra o inimigo, sobreviver. Um homem forte, corajoso, um líder.

Mas o homem não é levado em conta quando o que interessa é o mito, seja do bandido, seja do herói. O mito apaga as características humanas pela supervalorização de qualidades boas ou más: ele é amado e cultivado ou odiado e rejeitado, o exemplo a ser seguido ou o mal que deve ser evitado.

No caso de Lamarca, ele pode ser o mito do libertador para uns poucos, mas, seguramente, na memória da maioria das pessoas, aquelas mesmas por quem ele lutou, prevalece o mito do bandido, do terrorista, do subversivo, da ameaça à ordem social, do mal enfim.

A diferença de pontos de vista relaciona-se a diferentes interesses: no primeiro caso, o herói positivo serve à minoria que acredita que as mudanças sociais são

necessárias e, muitas vezes, só são possíveis pela luta armada; no segundo, o herói negativo, serve à outra minoria, a que detém o poder na sociedade e que para manter-se como grupo econômico dominante tem que impedir ou retardar mudanças. Assim, para ficar tudo como está, nada melhor do que contar e recontar a história a seu modo: ela escolhe os seus heróis, transforma-os em mitos e os difunde através dos meios de comunicação e de uma indústria da cultura que está à sua disposição. É a História oficial. Os que devem ser esquecidos são apagados dessa História ou nela só entram como inimigos da pátria e do povo. Sua "comprovação" se faz sem dificuldade já que conta com dois apoios: o dos jornais e outros meios de comunicação da época em que os acontecimentos se deram (seus arquivos) e o da própria memória

coletiva, já que as pessoas conheceram sobre esses acontecimentos, em geral, apenas o que contaram o jornal, o rádio, a TV. Desse modo, tanto a lembrança quanto os meios que a influenciaram apresentam a mesma visão, ou seja, a dos militares no poder, da ditadura ou da classe

dominante, que, ressalvadas pequenas diferenças, se identificam pelo interesse comum de exercer o controle social.

Para eles, Lamarca foi um chefe terrorista perigoso. Uma ameaça à segurança nacional: um bandido a ser caçado e morto, como meio de desarticular a oposição e resistência à Ditadura Militar que se mantinha no Brasil dominado pelos militares no poder. Era crime ser contra o regime, crime pensar, crime se reunir, crime lutar pela liberdade de consciência e expressão, crime clamar contra os desmandos, contra as prisões, contra a tortura, contra a perseguição e o assassinato político, contra a violação dos mais elementares direitos da pessoa humana. O conceito de liberdade fora transformado: só se permitia o direito de obedecer. Obedecer e calar a verdade, a dor dos irmãos desaparecidos, mortos, mutilados, perseguidos e exilados.

Os meios de comunicação, principalmente a Imprensa, deram ampla cobertura à caçada a Lamarca, que se enveredou pelo sertão baiano com um único companheiro, o Zequinha. Lá foram encontrados cansados, doentes. E eliminados sumariamente.

Lamarca foi morto covardemente, sem esboçar qualquer gesto de defesa. Mas

como os homens do poder não matam, nem agem covardemente e o mito do bandido perigoso deveria ser preservado, os meios de comunicação – fortemente censurados –

noticiaram a morte de Lamarca em tiroteio com a polícia, como se esta apenas estivesse se defendendo bravamente da invejável pontaria do marginal.

Assim entra Carlos Lamarca para a História: como o mito do bandido, quando era apenas um grande líder que tombou em nome dos oprimidos e da liberdade, após tentar fazer frente aos tiranos com os únicos recursos de que podia dispor: defender com as armas as vidas que as armas do inimigo ameaçavam, num confronto desigual onde o ingrediente mais forte era a disposição de não se curvar ante o poder da repressão, conquistada pela força e mantido pela violência.

Falando sobre a morte do pai, o filho de Lamarca lamentava essa última injustiça. A única coisa que queria era que o pai pudesse ser lembrado como um homem

forte, íntegro, disciplinado, corajoso e idealista: vencido sim, como um líder; morto como um homem destemido e inteiro, não por si mesmo, mas por uma causa, pela libertação e pela liberdade.

Mas sempre é possível recuperar as verdades históricas. Em algum ponto ela emerge.

O filme LAMARCA precisa ser visto por professores, por estudantes, por todos, para que se inicie uma discussão sobre a Ditadura Militar, para que se possa compreender um período importante de nossa história,

avaliar a luta de uma geração para que esta e outras gerações respirassem, pudessem ter a liberdade de ir e vir, de falar, cantar, sorrir, sonhar e ser capaz de lutar com todas as suas forças para preservá-la.

O filme de Sérgio Rezende, baseado no livro *Lamarca, o capitão da guerrilha*, de Oldak Miranda, não visa à produção do mito ou do herói. Ele traça a trajetória do homem obstinado que escolheu o caminho de mão única que se oferecia naquele momento para responder à tirania de um grupo que submetia a seu arbítrio a liberdade do cidadão e a dig-

nidade do homem comum brasileiro. Menos que um panorama do momento político vivido no período 1968-1971 – o mais dramático e cruel da Ditadura Militar – o que o distanciamento crítico de Sérgio Rezende oferece é a recuperação do homem comum Lamarca, líder de carne e osso, barbaramente assassinado e atirado como um fascínora miserável aos porões da nossa história, na condição de inimigo do povo e da pátria.

Lamarca, o filme, resgata a História. Não é sucesso de bilheteria. É um documento.

Precisa chegar aos nossos jovens pelos professores, pela escola, pois não chegará pela via institucional, à qual não interessa rever seus próprios atos e suas versões manipuladas dos dramáticos acontecimentos dessa História recente da vida brasileira. Tanto é assim que a Polícia Militar já produziu um vídeo com o objetivo de promover a herói o tenente julgado traidor e morto pelos guerrilheiros do grupo de Lamarca – episódio que aparece no filme – como modo de restaurar para a corporação o seu conceito e o seu modelo de heroísmo.